

TERESA
SEGURADO
PAVÃO

TERRA
BRANCA



museu
municipal
Carlos Reis



UM BRANCO QUE RESULTA *DA LUZ*

Teresa Segurado Pavão consegue retirar da terra o barro e dar-lhe formas diferenciadas, transformando-as em Arte.

Um barro também ele diferenciado, porque é branco.

Um branco que resulta da luz que ela própria lhe atribui dando relevo e contornos fluidos, leves e simples, tal como a natureza e a forma como o ser humano deveria interferir nela, isto é, levemente.

Levemente, consegue recuperar fragmentos não utilizados, oferecidos por Cutileiro e outros, e como ela própria diz, pedaços cheios de memórias que transcendem uma terra disforme e dura, que o seu espírito molda de forma suave, sem quase lhe retirar a história inicial.

6 | Terra Branca

OBJECTO E *FORMA*, EXPRESSÃO E *ARTE*

Terra Branca surge (também) no desejo da artista de dialogar com as peças existentes no Museu. A narrativa do seu trabalho parte do fragmento e da metamorfose deste, num elo com o barro branco – matéria primordial de eleição, a sua “tela branca” – renascendo objecto e forma, expressão e arte, no re-contar da história e das histórias dos afectos e dos pedaços desapossados que as compõem. Neste primeiro núcleo de obras, dá-se o encontro da cerâmica no sagrado, na arqueologia, na contemplação. Os relicários devotos, que asseveram a relação mística do homem com o divino.

Em mostra na Neupergama, num tributo a João Cutileiro, a artista apresenta um conjunto de 70 peças, que integram pedaços de pedra que lhe foram oferecidas pelo escultor. Este artista é referência na cidade de Torres Novas com as suas esculturas – D. Sancho I; Monumento ao Operário Torrejano; S. Sebastião – e um dos nomes representados pela Galeria Neupergama.

Célia Gonçalves

Galeria Neupergama

TERRA

A TODOS OS QUE
ME OFERTARAM
PEDAÇOS DE
QUALQUER COISA

BRANCA

Terra Branca é a matéria por mim eleita como base dos meus trabalhos. É um barro sem óxidos, por isso branco e sugestivo, como uma folha de papel imaculada.

Tudo começa no fragmento.

Fragmento, encontrado, achado, ofertado.

Podem ser objectos, parte de objectos, cacos de faianças ou porcelanas, marfins, conchas, corais, ossos, fósseis, pedras, ferros, bronzes, pratas...

Os fragmentos são integrados no barro num diálogo íntimo e profundo, através de sulcos, reentrâncias, relevos, furações¹, espigões, agrafos e ataduras de metal.

Os fragmentos carregam histórias, vidas antigas, memórias.

Escolho formas elementares que são também as das memórias do quotidiano atravessadas pelos tempos, como a taça, o prato, o frasco, a caixa, a gaveta – formas de conter; a da almofada, do acolchoado de um forro de seda – formas de pousar.

São pequenas esculturas da escala do cuidar².

No Museu Municipal Carlos Reis a exposição anuncia-se com “Tintas”, peça alusiva ao pintor.

Continuando nas salas de Arte Sacra, galeria de esculturas de santos e anjos, apresento uma série de caixas: “Caixa-Asas”, “Caixas-Bronze” com tampas trabalhadas, onde os motivos vegetais se ligam às vestes das figuras policromadas de madeira, “Caixa-Gaveta” que dialoga com o móvel de divisórias desenhado por Carlos Reis e inspirado nos *bargaños* espanhóis, “Caixas-Forte”, “Caixa-Estojo” texturada com ferros de uma oficina de encadernação. Para esta conversa, elegi também outras obras: “Livros” com capas em vidro dourado, como se de livros de oração ou de horas se tratasse, “Taças-Pés” com pés de metal fundido que aludem aos sacrifícios e às peregrinações, “Taça-Almofariz” que nos sugere segredos e alquimias e um “Ovo-Ouro” perto das Senhoras do Ó.

Na capela, junto a uma pedra sepulcral, “Almofada Quatro Bronzes”, em barro branco polido, facilmente nos transporta à escultura tumular.

Na última sala, onde fotografias a preto e branco de rituais religiosos como procissões e romarias cobrem as paredes, peças claras, nas quais a modelação do barro continua a morfologia de ossos encontrados nos campos e nas praias, organizam-se em vitrines de luz. Ao contrário do que se passa nos relicários sagrados nos quais o osso, relíquia por excelência, está protegido e intocável, aqui é pegada de pratos de oferendas, bases de taças, puxadores de tampa de caixas, aquilo que se toca. Ao reintroduzir o osso numa ideia de uso quotidiano, provooco uma inversão do seu significado enquanto relíquia protegida.

Na Galeria Neupergama exponho um conjunto de obras, algumas das quais apresentadas no Museu Nacional de Arte Antiga em Lisboa a 5 de Janeiro de 2023, data que assinalou dois anos da morte de João Cutileiro.

Existem três esculturas de sua autoria na cidade de Torres Novas.

Mais uma vez, uso o fragmento que aqui é a pedra, ou melhor, as pedras que João Cutileiro e Margarida Lagarto foram juntando ao longo do tempo para me serem ofertadas. O escultor trabalhava com os desperdícios das pedreiras do Sul, e o que me passou foram os desperdícios, as sobras, de mármore dos seus trabalhos.

O barro, matéria mineral como a pedra, continua assim as formas deixadas por Cutileiro, sem nunca as alterar, são bases, tampas, pegadas, asas, extensões ou pontos de partida das minhas peças.

O torno (roda de oleiro), nunca antes usado no meu trabalho de cerâmica manual, aproxima, através da mecanicidade, o barro da pedra, assim como os tons claros e as texturas.

O ferro serve nestas obras de elemento de ligação entre a escultura e a cerâmica. Ferro, material tão presente na escultura em geral, como nos gatos/gramos nos cacos da cerâmica quebrada.

Voltei mais tarde ao *atelier* do João, um silêncio e um pó branco cobriam tudo.

Tive o privilégio de trazer mais pedras. Todas as que quis.

Trouxe pedras, algumas maiores, não aquelas que cabiam em caixas de cartão e de sapatos, como as primeiras ofertas que recebi.

Nos espaços exteriores havia pedras cortadas, trabalhadas, escavadas, onde água das chuvas se depositou. Vidrei com chumbo o fundo de algumas, para reter para sempre a memória desta última visita.

¹ Filipa Oliveira, in *Às Vezes Ponho-me a Olhar para Uma Pedra*, (catálogo) MNAA, 2023

² Fernão Cruz, 2023

UM SILÊNCIO
E UM *PÓ*
BRANCO



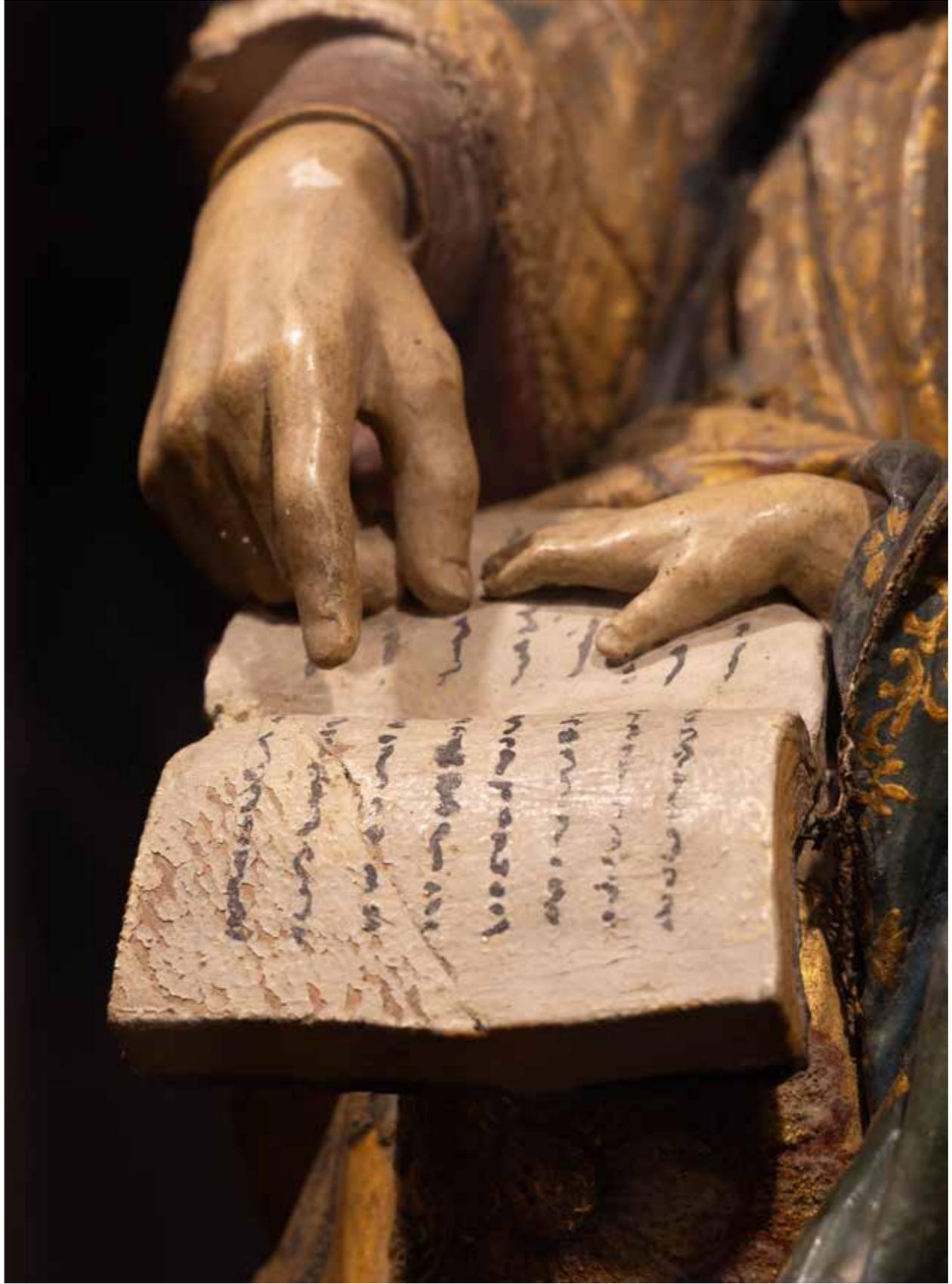


















































































TERESA SEGURADO PAVÃO



Vive e trabalha em Lisboa, onde nasceu, em 1957. Fez o curso da Escola António Arroio e o curso de Cerâmica do IADE. Frequentou os departamentos de Desenho, Pintura e Joalheria do Ar.Co e o atelier de tapeçaria de Gisela Santi. Criou a tp (loja de autor) em Lisboa (2004-2018). Expôs o seu trabalho recentemente no Museu Nacional de Arte Antiga (Lisboa), Museu Nacional do Azulejo (Lisboa), Convento dos Capuchos (Almada), Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves (Lisboa), Museu Arpad Szenes-Vieira da Silva (Lisboa), Museu da Ciência-Laboratório Chimico (Lisboa), Appleton Square (Lisboa), MUDE-Museu do Design e da Moda (Lisboa), Museu de Artes Decorativas da Fundação Ricardo do Espírito Santo (Lisboa), Museu Nacional do Traje (Lisboa), Galeria Belo-Galsterer (Lisboa), Galeria Bessa Pereira (Lisboa), entre outros. Encontra-se representada em colecções privadas e institucionais, nacionais e internacionais, das quais se destacam: Fundação Carmona e Costa, Museu Nacional do Azulejo, MUDE – Museu do Design e da Moda e Museu Nacional do Traje.

Exposição

Coordenação
Célia Gonçalves

Montagem
Teresa Segurado Pavão
Célia Gonçalves
Vânia Marzia

peças
Técnica mista: barro branco, texturado, polido e vidrado, óxidos, pedra, osso, coral, porcelana, madeira, ferro, cobre, bronze, prata, ouro, seda, 2004 a 2023

Trabalhos em prata
Nininha Guimarães dos Santos

Trabalhos em ferro
Pedro Reis Gomes

Trabalhos em roda de oleiro
Tiago Praça

Catálogo

edição
Museu Municipal Carlos Reis
Galeria Neupergama

produção
Célia Gonçalves
Vânia Marzia

fotografia
Artur Marques

design
Cristina Lamego

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou informação computadorizada, sem permissão da Município de Torres Novas. Desenvolveram-se todas as diligências no sentido de creditar as imagens de forma adequada sempre que aplicável. Quaisquer erros ou omissões não são intencionais e deverão ser comunicados ao editor que tudo fará para que os mesmos sejam corrigidos em caso de impressão.

© Município de Torres Novas

Torres Novas, março '24

